

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Corte e Nictheroy.

# O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remettidas á rua do Principe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

## Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

### O DOMINGO

Rio, 22 de Fevereiro de 1874.

#### A educação moral

Ao amor materno deve acompanhar a educação moral, que tem por objecto amoldar os costumes, os quaes dimanam dos sentimentos e se manifestam nas acções.

Ha em nós sentimentos phisicos e sentimentos moraes; a dor que nos causa uma ferida é phisica, e a que nos causa a morte de uma amiga é moral. Mas a educação moral só trata deste ultimo sentimento, que procede de um principio, ou de uma faculdade d'alma, a que se chama *sensibilidade*. Esta é inherente á nossa natureza: foi-nos dada pelo Creador.

Uma creança ama de todo o coração, e com as mais puras afeições, todos aquelles que lhe fazem bem, seu pai, sua mãe, seus irmãos, se os tem, em summa todos os que se mostram seus amigos: pelo contrario, toma aversão a todos aquelles que não lhe fazem festa, e a desprezam.

Esse instincto, se fosse abandonado a si mesmo, desenvolver-se-hia por modo espantoso, e se converteria em egoismo absoluto; mas sendo bem dirigido é o manancial de todas as virtudes.

A maior parte dos nossos usos de urbanidade nascem de idéas moraes, inculcadas em nós quando creanças. E por isso convem muito abster de familiarisar os meninos com bugiarias de mera familiaridade; o que é necessario fazer é inculcar-lhes a razão e o valor de uma bem entendida urbanidade, sincera e affectuosa.

As paixões nascem dos habitos. Um habito, uma

afeição adquire em nós certo grão de ardor e impetuosidade a ponto de fascinar e dominar a razão, e de falsificar o juizo.

Sendo a razão a lei soberana do homem, toda a paixão que a despreza é pessima.

Ha paixões de sua natureza nobres, e são as que nos arrastam impetuosamente para o bem, permittindo-nos escutar a razão: taes são o amor da gloria, o amor da patria, o zelo ardente do proximo. Longe de nós a intenção de as impugnar: aconselhamos pelo contrario que se dessiminem no coração da mocidade; mas ensinando-lhe ao mesmo tempo a necessidade de regular as occasiões e o modo de as manifestar.

Outras ha que se devem prevenir em tempo com escrupulosa sollicitude; e o unico meio é apresentar idéas bem claras e bem completas, das virtudes que lhes são oppostas.

Para preservar da avareza, explica bem ao menino o que é a economia, para o affastar da paixão pelo jogo, fazei comprehender bem o que é o jogo, como simples distracção; em uma palavra, tratai de que os vossos educandos adquiram em moral idéas bastante exactas, e bons habitos bem arreigados.

Benjamim Franklin, o sabio benemerito da humanidade, aconselhava que deviamos examinar o que em nós se passa, e tomarmos a nós mesmos conta severa no intimo tribunal da consciencia, submeter nossa vida a um exame regular, calcular o nosso dia pela manhã, passar-lhe revista á noite.

Eis aqui um grande meio de educação, e que todos nós podemos fazer e lançar mão.

Continúa.

## Ao Diário de Santos

Neste assaz interessante Periodico, um dos órgãos mais acreditados da imprensa brasileira, e que vê a luz da publicidade em Santos, cidade da muito illustrada provincia de S. Paulo, lê-se no seu n. 100, de 10 de Fevereiro o seguinte:

« O DOMINGO. — Recebemos tambem este periodico, redigido pela Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar.

Escrepto primorosamente, o *Domingo*, é o primeiro passo da mulher, em prol de sua emancipação, tão reclamada.

A belleza da linguagem, e o assumpto que é sempre escolhido, faz-nos crer que deverá ser procurado pelas representantes do bello sexo.

Com verdadeiro prazer agradecemos a offerta, e aceitamos o encargo de receber a importancia dos que desejarem auxiliar este jornal, que pôde ser visto no escriptorio da redacção desta folha. »

Quaesquer elogios e expressões benignas e da mais viva gratidão, de que nos servissemos para retribuir tão delicada fineza, ficariam muito aquém do que ella merece e do que sentimos n'alma. Por isso limitamo-nos a reproduzir esses termos benignos; e mais a aceitar com a mais entranhavel gratidão a fineza que nos quer fazer o illustrado collega de incumbir-se de agenciar assignaturas para o nosso humilde periodico.

Ha favores que se não retribuem, e este é um delles

## LITTERATURA

### O vaso de flores

Vamos lêr uma historia tocante e verdadeira que teve logar no anno de 1834. Sabem todos que nessa época, no mez de Abril, houve em França tentativas revolucionarias, pelas quaes, as prizoas de Pariz, de Lyão e de mais duas ou tres cidades, encerraram durante um anno mais de mil pessoas suspeitas.

No trabalho chimerico das indagações, estas pessoas suspeitas produziam cento e trinta accusados, de sorte que novecentas pessoas, pouco mais ou menos, tinham tido a sua liberdade suspensa por seis a dez mezes sem que existisse contra ellas um facto capaz de servir de pretexto para serem presas, digamos novecentas existencias necessarias cada uma a cinco ou seis outras; novecentas existencias de paes, de irmãos, de filhos e de maridos; novecentas existencias de trabalhadores, todos santos e sagrados, tinham sido prezos e lançados nos carceres sob a palavra de honra de um espião, sob a responsabilidade de um soldado!

E quando no fim de seis ou dez mezes, as ordens de soltura abriram os ferrolhos das prizoas, ninguém dessa gente de alta e soberana justiça, se dignava informar-se se o prezo innocente possuía ainda no mundo outro tecto que não fosse o do seu calabouço; ninguém procurava sabar se elle tinha para comer e dormir outra coisa que não fosse o pão e as palhas da enxovia.

Vou contar a desgraça de uma dessas victimas.

#### I

No terceiro andar de uma triste e negra casa da rua Beaubourg, morou desde fins do anno de 1830 um pintor Adolpho G\*\*\* filho de um official militar, inutilmente morto como tantos outros, nos dias de Julho.

Era um bello rapaz de vinte annos, franco e leal, um artista cheio de fé e de paixão, mas totalmente desconhecido. Fazia retratos. Pintava em seis dias obras primas de consciencia e de gosto, que os capelistas e bate folhas da rua Beaubourg pagavam-lhe sessenta francos a peça.

Com isso vivia e sustentava sua mãe, viuva inconsolavel, quasi cega à força de chorar, e de quem era o unico arrimo. Dispensava por ella tantos cuidados, que era um verdadeiro culto.

Pontualissimo em todos os seus pequeninos contractos, nunca pedia emprestado o que quer que fosse a pessoa alguma; nunca comprou nada a credito, com receio que na sua ausencia viessem reclamar alguma coisa de sua mãe; de sorte que ella julgando-o rico, accetava delle com toda a naturalidade e sem constrangimento, mil superfluidades que o pobre filho despendia à força de privações pessoais.

No mez de Outubro de 1833 aconteceram cousas muito interessantes ao joven pintor.

O proprietario da casa em que elle morava, uma summidade commercial da rua *Michel-le-Comte*, adjunto do juiz ordinario do sétimo quarteirão e capitão de granadeiros, desde a revolução de Julho, acabava de ser promovido ao posto de commandante do batalhão.

Tevé desejo de se retratar com suas dragonas novas e a cruz de honra que Sua Magestade lhe concedera.

Quem tem por locatario um pintor, e sobretudo quando está proximo a vencer-se o arrendamento da propriedade que o locatario occupa, dá preferencia em pintura no caso de se querer retratar, e por isso Adolpho foi escolhido.

Intou o Sr. Blanquet com grande uniforme, com a mão direita sobre o seu livro commercial, e a esquerda sobre os copos de uma esp. da, tudo isto tão marcial, tão verosimil, que foi unanimemente approvedo pela familia.

No seu entusiasmo o commandante avaliou o trabalho a cem francos com accessorios. Era o equivalente do arrendamento. Levou a vaidade a ponto de pagar tambem a tela e as tintas.

Nunca o pobre Adolpho fizera maior negocio.

E não é tudo.

A Sra. Blanquet, que apesar dos seus quarenta annos contrados, não deixava de ser apresentavel, lembrou-se tambem de proteger o pintor que sabia que era bom para sua mãe, dando-lhe mais tres mezes de casa com a condição de fazer o seu retrato. O negociante annuiu da melhor vontade porque estava tão satisfeito, que teria dado de bom grado o terceiro andar da sua casa da rua Beaubourg para sala de pintura, ainda que se pintassem até as caras de seus empregados.

A seus olhos, Adolpho era o maior pintor dos tempos modernos; para elle, Adolpho excedia a Dubufe, era o Titiano das bellas damas de Marais.

O rapaz esmerou-se em fazer o retrato da Sra. Blanquet, começando e desfazendo o perfil por muitas vezes. Emfim foram precisas trinta conferencias para completar a preciosa cópia. Em cada uma dessas conferencias gastaram-se duas ou tres horas. A confiança do rapaz provocada pelas cordiaes attentões da Sra. Blanquet, tornou-se intima. Souberam de toda a sua vida, que elle relatava che-o de entusiasmo.

Além disso não esteve só com a mulher do negociante. Deram-lhe para officina a sala de mademoiselle

Blanquet, o cavaletto estava posto ao lado do piano da moça, que enquanto o pintor trabalhava cantava as arias favoritas da mãe, para que a phisionomia della estivesse sempre radiante.

Já dissemos que Adolpho tinha vinte annos. Até então só amava sua mãe; a acção de todas as suas faculdades amantes se haviam concentrado sobre esse unico ponto. Nos seus cuidados, nas suas attensões para com a Sra. G\*\*\* o filho mostrou que saberia ser amante também. Com essa organização que a necessidade de amor devorava, com essa cabeça nobre e generosa, cheia de enthusiasmo, fanatisada pela poesia, tinha necessidade de um idolo, de um amor, de um ente debil para sustentar, para defender, um infeliz para consolar.

Sua mãe tudo reunia, sua mãe cega, sua mãe viúva, que sem elle teria morrido de desesperação e de miseria!

Se tivesse tido uma irmã amaria com ardor, a pobre orphã! se tivesse tido uma amante, faria della a alma da vida. Pois bem! reunido esse amor de irmão, de amante, ao de mãe, amava-a com todas as forças da sua alma, como ella o amava, quando elle era menino. E comtudo era ella as vezes bem exigente e severa, porque os desgostos porque passara, tinham azedado o seu character. A presença de Adolpho, faria-lhe lembrar os desastres de que foi testemunha, nos dias da grande insurreição, que no mesmo instante que seu marido cahira morto no Louvre, seu filho se batia na praça publica de Pariz. Havia na sua casa ao lado da espada envolta em crepe do official real uma cruz de Julho.

A filha do negociante da rua Michel-le-Comte tornou a existencia de Adolpho. Ouvir todos os dias, uma moça de dezesseis annos, bella e meiga, cantar divinamente e que depois sentava-se familiarmente a seu lado; que quando elle contava os seus pezares ou prazeres surprehendia os olhos dessa moça cravados nos seus com expressão toda sympathica, eram motivos para o pintor deixar-se seduzir sem o pensar.

Acabado o retrato da Sra. Blanquet era forçoso que elle se retirasse e deixasse ali todas as suas esperanças; julgar mesmo que tinha lido um romance, mas quando a Sra. Blanquet quiz pagar o seu trabalho, sentou-se a seu lado, e fôra de si rogou-lhe que lhe não dêsse dinheiro.

(Continúa)

### O Beijo.

Ha beijos sinceros, e são aquelles que uma mãe imprime na fronte de um filho; ha beijos castos, e são aquelle que se depositam nas faces de uma esposa; ha beijos innocentes, e são aquelles que damos n'uma creança que dorme; ha beijos indifferentes, e são aquelles que as moças repartem entre si por méra cortezia; finalmente, ha beijos sagrados, e são aquelles que gravamos sobre o tumulo de um pai querido, no retrato de uma irmã que se adora, e na trança mimosa, unica reliquia de um amor infeliz!

As andorinhas beijam a superficie das aguas, as pombas beijam-se nos transportes de um amor innocente, as ondas beijam as conchinhas da praia, o sol beija a superficie do universo, o vento beija as nuvens do ceo, o orvalho beija as florinhas da relva, o choro beija o marmore de cemiterio, o feliz beija a imagem da ventura, e o desgraçado beija a mão da caridade!

O beijo é a porta, por onde se entra no santuario do amor; é o thuribulo em que se queima o incenso do sentimento; é a pyra em que arde o fogo da sympathia: é o vinculo que liga duas almas em um só corpo, tendo ambas a mesma vontade, nutrido os mesmos desejos, alimentando-se das mesmas esperanças, e ambicionando a mesma gloria.

A. M. DOS REIS.

### PARTE RECREATIVA

#### Perguntas aos homens pelos seus nomes proprios

- 1.—Qual é o homem que ama a letra O?
- 2.—Quaes são os homens que tem uma syllaba só?
- 3.—Qual é o homem que pronunciando seu nome *chinga-se* sem saber?
- 4.—Qual é o homem que tem o augmentativo de um bixo do Brazil?
- 5.—Qual é o homem que todos respeitam?
- 6.—Qual é o homem que sem ser sineiro mora na torre?
- 7.—Qual é o homem que se compõe de um h. e de um caximbo?
- 8.—Qual é o homem de quem os brevariarios rezam?
- 9.—Qual é o homem que por pouco se transforma em fazenda de lã bem conhecida dos negociantes?
- 10.—Qual é o homem que embora seja demonio, passa na terra por anjo celeste?
- 11.—Qual é o homem que embora seja desgraçado goza sempre de boa felicidade?
- 12.—Qual é o homem doce e suave?
- 13.—Qual é o homem que vive sempre atazanado?
- 14.—Qual é o homem que ainda que seja muito aborrecido é sempre bem recebido?
- 15.—Qual é o homem que se parece com um bixo muito industrioso e de cuja pelle se fazem boas obras?
- 16.—Qual é o homem que por mais um a fica atoa?
- 17.—Qual é o homem que sempre ama?
- 18.—Qual é o homem macho e femina?
- 19.—Qual é o homem metade mouro e metade christão?
- 20.—Quas são os homens que o Imperador nomea primeiro, quando falla na abertura ou encerramento das sessões legislativas?
- 21.—Qual é o homem passaro?
- 22.—Qual é o homem que ainda que seja muito rabujento tem comtudo muito amor?
- 23.—Qual é o homem muito fallado na Salve Rainha?
- 24.—Qual é o homem a quem todos os feios devem?
- 25.—Qual é o homem que se compõe do nome de uma mulher e de um rio?

#### A tarde

O' tarde, tu és o anjo  
Que vaga por sobre a terra,  
Tu libras-te sobre a serra,  
Sobre o prado, sobre o mar;  
Nas tuas azas celestes  
Pousou-te Deus a harmonia,  
No teu regaço a poesia  
Tambem se veio aninhar.



Na fronte candida e bella  
Pousa-te a vaga tristeza,  
Unido co'a singeleza  
Desse teu mago trajar;  
E quando a medo te inclinas  
E's a pura virgem bella  
Que em seu pranto só revela  
Saudades de muito amar!

Tu tens da terra o perfume  
Tambem tens da vaga o pranto  
E das aves tens o canto.  
Tens da brisa o suspirar;  
Tens o hymno da palmeira  
Que se verga com o vento.  
Tens o triste e são lamento  
D'um regato a murmurar

Tens o perfume do lirio  
Mal aberto na campina,  
Os odores da bonina  
Que o sol intentou murchar;  
Tens o brilho d'uma estrella  
Que se mostra bella e pura  
Mergulhada na tristura  
Quando ó tarde, vás findar!

Tu tens o canto do nauta  
Que geme por sobr'as vagas,  
Tambem tens as canções magas  
Das tristes ondas do mar;  
E vagas triste e chorosa,  
Unida á melancolia  
Do braço dado á harmonia  
Tambem te vejo vogar!

Tens a belleza, o encanto  
Da ultima hora do dia,  
Resumes toda a poesia  
Nessa tua hora sem par;  
E's linda qual uma virgem  
Meiga, triste, doce e bella,  
Ou como a pallida estrella,  
Como a estrella lá no mar!

O' tarde, tu és um anjo  
Baixado á terra do Céu,  
E's sim, que vejo no véo  
Que a fronte te vem ornar:  
Inda és mais; tu és a virgem  
Que todo encanto se veste,  
Tu és a virgem celeste  
Do meu continuo sonhar.

O' tarde, lá no deserto  
O Indio por tí suspira,  
E dorme, sonha, delira,  
Cansado de te esperar:  
E quando, ó tarde, o teu manto  
Estendes sobre as palmeiras  
Tu tens as canções fagueiras  
Das tribus no seu palmar.

Tambem tens a prece, o hymno  
Do cansado viajor,  
Quando do sol ao rigor  
Suspira por te avistar;

Tens do ceo a nuvem bella  
Toda de branco trajada  
Pelos ventos embalada  
Vagando incerta no ar!

O' tarde, tu és a gemea  
Das minhas tardes do sul.  
Lá folgas em ceo azul  
Quando o sol entra no mar;  
E' lá teu manto d'estrellas  
Quado já és duvidosa;  
Aqui és meiga e saudosa,  
Saudosa de recordar !..

Aqui nas nuvens que trajas  
Retratas meigas imagens,  
Um de roseas roupagens  
Outras de prata a brilhar;  
Nas cores que dás ao monte  
Bem diz o reflexo teu  
Que um mysterio só do ceo  
Te poderia criar!

O' tarde, tu és a virgem  
Que tenho no pensamento,  
Embora a furia do vento  
Me venha o canto espalhar;  
Tu és a virgem que eu amo  
Bem dentro do coração,  
Eu quero na solidão  
Contigo só conversar.

Eu quero aqui na montanha  
Divisar-te no horisonte;  
Ao som do choro da fonte  
Quero teu rosto mirar:  
Ou junto do tronco annoso  
O sonho ter de poeta,  
Ou sobre a vaga inquieta  
Contigo quero sonhar!

### Charadas

Patria de nuvens, de vapor asylo . . . 1  
Simulacro de heróes em pedra fria . . . 2  
Sou terno filho de copado tronco,  
Que no fecundo seio a terra cria.

B.

A harmonia me atrahê, eu vou, eu corro.  
Se não corro, não vou, aonde eu quero! 1  
Sou peixe, ou carne sou? digam não sabem?  
Se sou grande, e no mar, sou peixe fêro 1

Eu gosto do rigor por isso troquem  
Uma letra por outra equivalente; . . . 2  
Sou medida, isso sou, mas tambem era  
Um serviço por força antigmente.

CONCEITO

Mais rica, mais bella  
Qual outra o será?  
Procurem, procurem  
Que não se achará,

A decifração das charadas do numero antecedente é:  
a 1ª, Arpão; a 2ª, Laranja e a 3ª, Vicente.

Typ. rua da Alfandega 185.